

RUA JOÃO JOSÉ PEREIRA

Decreto nº 3704 de 14-10-1970

Formada pela rua 1 do Jardim Aero-Continental

Início na rua Colônia de Minas

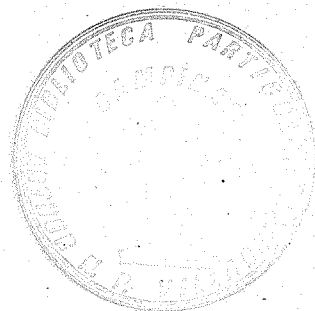
Término na rua Dr. Januário Pardo Mêo

Jardim Aero-Continental

Obs.: Decreto assinado pelo Prefeito Municipal Orestes Quércia. Indicação do vereador Antonio R. dos Santos Júnior.

JOÃO JOSÉ PEREIRA

João José Pereira nasceu em Canavez, Portugal, em 20-janeiro-1868 e faleceu em Campinas em novembro-1963. Era filho de Antonio Joaquim Pereira e Joaquina Maria Pereira e foi casado com Michelina Rodrigues de Castro Pereira com quem teve treze filhos (nove mulheres e quatro homens). João José tinha 12 anos quando chegou ao porto de Santos, na ante vespera do Natal do ano de 1880, com sua família. Daqule porto veio direto para Campinas, indo morar num pequeno sitio situado em Descampado. Ali trabalhou como lavrador, caixeiro e num armazém. Casou-se e mudou para Viracopos onde adquiriu uma pequena casa e montou um armazém de secos e molhados. Devagar foi adquirindo as terras ao redor e passou a plantar café, cultivar cereais e reservou uma área para pasto. Montou também um engenho para a fabricação de açúcar e melado e um monjolo para fabricar farinha de milho. Mais tarde construiu um mangueirão para as tropas de animais vindos do Sul à caminho de Minas. Bom catolico, João José construiu uma igreja para a devoção de Bom Jesús de Canavez, além de uma escola e as estradas que serviam aquele local. Em 1932, ia às proximidades de sua casa ver os aviões que os paulistas usavam para combater os "vermelhinhos". Sempre sonhou em rever aviões pousando e decolando dali. Quando do movimento para a construção do aeroporto de Viracopos, empenhou-se em que a idéia se concretizasse, pois seus sonhos iriam tornar-se realidade. Em 1956, cedeu enorme área de sua propriedade a fim de que o aeroporto fosse construido. Já bastante idoso, tinha esperanças de ver os aviões subindo e descendo e ele também voando. Constituiu-se num pioneiro de Viracopos, local que ele dedicou toda a sua vida e seu trabalho. Embora morrendo na casa de um filho no bairro do Castelo, atendendo ao seu desejo, seu corpo foi conduzido até sua casa, para - conforme sua vontade - sair de Viracopos em direção ao cemitério.



DECRETO N.º 3704, DE 14 DE OUTUBRO DE 1970

Denomina "João José Pereira" uma via pública da cidade de Campinas.

O prefeito municipal de Campinas, usando das atribuições que lhe confere o item XIX. do artigo 39, do Decreto Lei Complementar n.º 9, de 31 de dezembro de 1969 (Lei Orgânica dos Municípios).

D E C R E T A :

Artigo 1.º — Fica denominada "JOÃO JOSÉ PEREIRA", a Rua 1, do Jardim Aero-Continental, com início na Rua 3 e término na Estrada Municipal de Viracopos.

Artigo 2.º — Este decreto entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Campinas, 14 de outubro de 1970.

DR. ORESTES QUERCIA
PREFEITO MUNICIPAL

ENG. JULIO CESAR PILENSO
SEC. DE OBRAS E SERVIÇOS PÚBLICOS

DR. JOAO BAPTISTA MORANO
SEC. DOS NEGÓCIOS JURIDICOS

Redigido na Secretaria dos Negócios Jurídicos (Consultoria Jurídica), da Prefeitura Municipal de Campinas, datilografado por mim. Jeanete Aparecida Calil, assistente de advogado e publicado no Serviço de Expediente do Gabinete do Prefeito, em 14 de outubro de 1970.

GERALDO CESAR BASSOLI CEZARE
CHEFE DO GABINETE



= JOÃO JOSÉ PEREIRA = FUNDADOR DE VIRACOPOS =

JOÃO JOSÉ PEREIRA, nascido aos 20 de janeiro de 1868, em Portugal, no lugar denominado Canavez (assim chamado talvez por produzir o cânhamo, planta têxtil, para fabricação de linho grosso) nas proximidades da cidade do Pôrto.

Aos 11 anos de idade, servia de intérprete prático aos marinheiros americanos que ali se aportavam, o que fazia a fim de ganhar algum dinheirinho e ajudar a família constituída do seu pai Antônio Joaquim Pereira, mãe Joaquina Maria Pereira e irmão José.

Aos 12 anos, êle e família vieram para o Brasil e localizaram-se num sítiozinho, comprado nas proximidades do Campinas, onde faleceram os seus pais e ficou ali residindo seu irmão José que se casara e constituíra família.

Assim, em 23/12/1880, JOÃO JOSÉ PEREIRA e respectiva família, desembarcavam em Santos, rumando para o município de Campinas, trabalhando como lavrador, como caixeiro em Campinas e - depois, também, como caixeiro do Sr. Rodrigues de Castro, que viera de Louveira e montara um armazém de secos e molhados, em Descampado, próximo ao sítio de sua família. Pouco tempo ali trabalhou, pois, casou-se com a filha dêsse comerciante, ainda muito m^oça, contando apenas 15 anos e que se chamava Michelina Rodrigues de Castro, em 29 de setembro de 1888. Contava êle, nessa ocasião, 19 anos. Recém-casado, mudou-se para Viracopos, onde comprara um lote de terra com uma casinha velha. Reformou essa casa, ampliando-a, onde montou um armazém de secos e molhados para servir os moradores circunvizinhos. A compra dessa pequena gleba de terra foi por 20 mil réis antigos e de uma pessoa de nome Silva que ali morava.

Depois comprou mais algumas pequenas glebas de terra ao redor da sua, de pessoas que cansadas do lugar pouco próspero se retiravam ou já se tinham retirado e procuravam vendê-las.

Ampliando, então, a sua propriedade, João José Pereira procurou desenvolver um pequeno cafèzal, separou terra para cultura de cereais e para pasto.

Montou um engenho para o fabrico de açúcar e melado; um monjolo tocado à água, para o fabrico de farinha de milho. Tudo isso foi feito com o passar dos anos e como sua família aumentava, a produção era consumida por ela e parte vendida aos moradores circunjacentes.

O transporte de mercadorias para suprir o seu armazém era feito em cargueiro e carroça por uma estrada de rodagem de péssima condição que ligava a Campinas as cidades de Itu, Sorocaba



= 2 =

a zona sul (Paraná e Rio Grande do Sul) e passava dentro de sua propriedade e em frente à sua moradia. Não havia Estrada de Ferro ainda. A conservação dessa estrada de rodagem, para demandar Campinas, era feita por êle em cooperação com os demais moradores da região e havia época do ano, as de chuva, que ficava completamente intransitável por dias e até meses. Nasceram crianças e não podiam ser registradas, dentro do prazo, em Campinas, cidade mais próxima. A assistência médica e farmacêutica era quase nula.

Para contornar essas dificuldades, João José Pereira mantinha sempre cavalos mansos de selas, e arreios, bem como cabriolé, à disposição daqueles que necessitassem. E sua mulher, Michelina, mantinha no quintal da casa muitas ervas e plantas medicinais, para o mesmo fim.

Naquele tempo não havia ainda, aqui, os veículos motorizados (automóveis) e os transportes eram feitos por animais, cujo comércio era movimentado. Transitavam, então, por aquela estrada, tropeiros que, conduzindo tropas de mares, vinham do Rio Grande do Sul, Sorocaba, etc. e demandavam os Estados de Minas Gerais e Goiás e procuravam exatamente naquela região - VIRACOPOS - pousada e também - descanso para os animais, para depois prosseguirem na sua longa viagem. Diante disso, o Sr. João José Pereira construiu ao lado de sua casa um mangueirão para abrigar essas tropas e algumas dependências, toscamente construídas para alojamento dos tropeiros. Ali, então, tornou-se um pequeno mercado de tropas, pois quando os tropeiros chegavam, iam aparecendo gentes de diversas partes da redondeza para comprar ou trocar animais. Havia peões para dar o primeiro galope de amansamento ou experimentação do animal a ser negociado. Havia pessoas que também vinham para apreciar aquêles espetáculos de montaria ou a marcação de animais.

No setor religioso, procurou o Sr. João José Pereira, difundir naquele bairro a sua religião católica, construindo na sua propriedade uma pequena igreja, entronizando nela a imagem do Sr. Bom Jesus de Canavez. Providenciou capelão para dar assistência religiosa aos fiéis, fazendo realizar ofícios religiosos como rezas, novenas etc. constantemente e, mensalmente, missa oficiada por sacerdote.

Em junho, todos os anos, fazia o levantamento do mastro dos três grandes santos do ano: Sto. Antônio, S. João e S. Pedro, com funções religiosas e de diversões como "cateretê" e cantigas de violeiros. Sua esposa Michelina, também organizou, muitos anos, no mês de dezembro, romaria em visitação ao Sr. Bom Jesus de Pirapora, o que era feito, ao mesmo tempo, por pessoas a pé, a cavalo ou a carroça, com pernoite ao longo da viagem.



= 3 =

Igualmente atrativa e de grande afluência de gente era a festa do mês de agosto na igreja do Senhor Bom Jesus de Canavez naquele bairro, promovida, cada ano, por uma comissão de festeiros. Havia banda musical de Campinas, quermesse, leilão, jogos etc., rematando com uma longa procissão pelo bairro, à tarde, reza e samba que repercutia até alta madrugada.

No setor do ensino também o Sr. João José Pereira se esforçou para dar ao bairro o ensino primário. Levou para lá professora do ensino estadual. Adaptou para sala de aula um salão grande que lá existia e servia de tulha para guarda de café e cereais. Ampliou esse salão com dependências para moradia de professora. Isso em 1912, mais ou menos, quando era difícil conseguir-se professora para bairros ainda mais povoados. Parece que, por deficiência de número de alunos, a professora foi removida de lá. Não se desanimou o Sr. João José Pereira e mais tarde conseguiu uma professora leiga, de Campinas, para lecionar lá mesmo às suas expensas, até que se conseguisse nomeação e remuneração, nesse caso, da Prefeitura de Campinas. Por muitos anos essa professora lecionou lá durante o dia às crianças e à noite aos adultos (Curso de Alfabetização), assistindo em sua própria casa, para depois de muito tempo alcançar a nomeação e remuneração municipal.

Graças a essa perseverança e empenho do Sr. João José Pereira, de dar escola ao Viracopos é que existe agora, funcionando plenamente, naquele bairro, um Grupo Escolar.

João José Pereira, pessoa de espírito calmo e pacato, que conversava sem nenhum sotaque português, na sua simplicidade era incapaz de repreender até uma criança e procurava harmonizar-se com todos os seus semelhantes. Daí a razão de tornar-se estimado por todos os que o conheciam, maioria dos quais, quando se referia à sua pessoa, dizia: o "João Português" de Viracopos. Silenciosamente e por todos os meios, ele procurava lutar contra a pobreza daquele povoado, para felicidade dos habitantes daquele lugar que ele considerava o melhor do mundo. Queria ele, que Viracopos, dado a excelência do clima e as condições topográficas, fôsse mais conhecido e não um pedaço de chão esquecido do mundo.

Eis que a sua intuição começa a deslumbrar-se em 1932, quando as forças Revolucionárias Paulistas descobriram e consideraram o campo do Viracopos de condição extraordinária para movimento aviatório e passaram a ocupá-lo. Durante três meses - dessa revolução legalista, aquele campo foi ocupado pelos aviões



= 4 =

"Paulistinhas" que davam combate aos aviões "vermelhinhos" da ditadura e que tentavam bombardear zonas do Estado Paulista.

Nessa ocasião, João José Pereira, o "João Português" de Viracopos ia e voltava o dia inteiro, ao campo, próximo à sua casa, para ver aquêles aviõezinhos levantar voos (decolar) e aterrisar e mesmo para oferecer os seus préstimos aos pilotos.

Quando acabou a Revolução Paulista êle achou falta daquele movimento e pensativo conjecturava sempre na possibilidade de vir a ser aquêles lugar um aeroporto importante.

De fato, alguns anos depois, a 4ª. Zona Aérea, com sede na Capital começava os estudos daquela região para tornar aquêles campo um Aeroporto Internacional no nosso País, tal como o é hoje, com mais de 4 milhões de metros quadrados.

João José Pereira, então já com seus 80 anos, tinha para com seus amigos e conhecidos um assunto predileto, que era a instalação daquela aeroporto internacional e rogava a Deus que lhe desse saúde para ver isso realizado.

Cedeu alqueires de terra para a construção dêsse aeroporto, recebendo pela desapropriação a importância de um mil réis por metro quadrado. Ainda em 1956, por motivo de ampliação dêsse aeroporto, cedeu, por desapropriação, mais 12.700 metros quadrados, de sua propriedade.

João José Pereira foi então o pioneiro dos moradores de Viracopos, para onde foi ainda mocinho e recém-casado, constituindo uma numerosa família (13 filhos) sendo 9 mulheres e 4 homens, todos casados, com exceção de uma filha ainda solteira, de nome Marília. Dessa prole teve a felicidade de contar já no ano de 1950, com mais de 50 netos, dezenas de bisnetos e também tataranetos.

Sua espôsa Michelina faleceu aos 74 anos, em abril de 1947 e êle faleceu em novembro de 1963, com 96 anos de idade.

Antes de falecer, vivia quase sempre doente e vinha à casa de seu filho Sebastião Pereira, onde recebia tratamentos e quando ficava melhor, voltava para Viracopos. Na casa dêsse seu filho, nas proximidades do Castelo, quando se sentia melhor, saía apoiado numa bengalinha e ia dar voltas, para daquelas alturas procurar a vistar o seu torrão inesquecível - VIRACOPOS - ouvir o som de aviões e tentar ver descer ou subir algum avião.

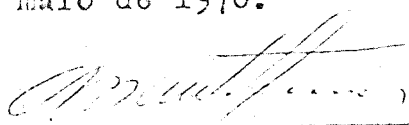
Pedia sempre ao seu filho, que desejava morrer lá e se caso falecesse aqui, o seu corpo deveria sair de Viracopos com destino à sepultura. Essa sua vontade foi feita, pois, embora falecendo aqui, o seu corpo foi conduzido à sua casa, de onde saiu para a última morada.



= 5 =

Foi um verdadeiro símbolo para os moradores da região denominada VIRACOPOS. Sua imagem de filantropico até hoje vive na mente dos moradores mais antigos daquela região. Suas obras (Igreja, Escola e Estradas) construídas sem auxílios oficiais, mas sim totalmente às suas expensas, até hoje, ainda estão lá no bairro de Viracopos, servindo à coletividade campineira.

Campinas, 12 de maio de 1970.


ANTONIO RODRIGUES DOS SANTOS JR.

JGCC/.